



*escola* **ECO** *47 anos*

XXXVI  
Concurso Maria Helena  
Xavier Fernandes

---

Edição 2023



A literatura é o impulso que nos projeta para dentro da imaginação. Desde criança, ao ouvir uma história, começamos a elaborar as próprias narrativas e interagir com os nossos personagens e heróis prediletos. Desta forma, elas nos ensinam a abraçar a diversidade, a aceitar as diferenças, a enfrentar desafios com coragem e, principalmente, a valorizar a amizade e o amor.

Para contribuir na execução do nosso Concurso literário, é importante que tenhamos referências de mestres que deixaram um legado inspirador que nos sirva de parâmetro a fim de elaborar novas histórias. Com suas narrativas envolventes, eles nos mostram a possibilidade de criar mundos fascinantes, personagens inesquecíveis e lições valiosas que vão muito além das páginas de um livro.

Assim, nossa eterna gratidão ao Maluquinho Ziraldo, a Daniel Munduruku e ao Mestre Millôr Fernandes que, neste ano, serviram de motivação para embarcarmos no nosso XXXVI concurso Maria Helena Xavier Fernandes. Que suas obras continuem fazendo a diferença para os leitores de hoje e, também, das gerações futuras.

Prof. Nei Xavier

**XXXVI**  
**Concurso Maria**  
**Helena Xavier Fernandes**

## Prefácio

Atualmente, o mundo digital, recheado de suas mensagens rápidas e textos criptografados, já faz parte do nosso cotidiano, entretanto devemos nos lembrar de que a escrita continua sendo uma das bases essenciais da comunicação humana. Assim sendo, o domínio da arte de escrever ainda é uma habilidade fundamental que vai nos acompanhar por todas as esferas de nossas vidas.

Desde criança, a descoberta da escrita é uma chave que nos abre a porta para um mundo mágico e cheio de possibilidades. Pois, através dela, podemos expressar os sentimentos mais profundos, narrar as mais incríveis aventuras e, até mesmo, inventar as coisas que só existem na nossa imaginação. Além disso, ela pode dar voz às emoções e compartilhar alegrias, tristezas e surpresas com todos que estão a nossa volta.

Ao escrever, criamos laços com outras pessoas, registramos as nossas ideias, mostramos nosso ponto de vista e interagimos com o mundo. Pois, a escrita é uma ferramenta poderosa para adquirir conhecimentos e nos prepara para as escolhas certas da vida. Além disso, aprimora a nossa comunicação e amplia o desenvolvimento do pensamento crítico.

Enfim, escrever é muito mais do que um simples meio para troca de informações, trata-se de uma expressão pessoal e uma reflexão profunda para, de alguma forma, sensibilizar aquele que lê. Por isso, continuem escrevendo sempre, escrevam com vontade, com emoção e carinho, da mesma forma que estou me sentindo ao redigir este texto para vocês.

Que todos os seus sonhos de hoje sejam a realidade de amanhã...

**Professor Nei Xavier**  
**(Em nome da equipe de língua portuguesa)**



## **Agradecimentos:**

**Direção:** Abelardo Soares e Iglaê Soares

**Coordenação:** Antônio Tonnesen, Cristina Andrietta, Lourdes Fonseca

**Professores:** Eloisa Zoccaratto, Fabiano Abrantes, Flávia Macedo, Kamy Peltz, Nei Xavier

## Agradecimento especial



Ninguém se torna um símbolo sem ter deixado uma marca relevante na história. Ainda que tenha se passado muito tempo, sua inspiração e sabedoria estão presentes até hoje, lembrando-nos sempre da importância do comprometimento de nós, educadores, em busca de um trabalho de excelência. A dedicação ao ensino e a capacidade de orientação fizeram parte da trajetória da ECO e o seu legado foi o embrião que promoveu a grande diferença na nossa escola. Que a sua memória continue a ser uma fonte de estímulo para futuras gerações de professores e estudantes. Nossa eterna gratidão à **Professora Maria Helena Xavier Fernandes**.

## Sumário

Prefácio .....	Página 03
Agradecimentos .....	Página 05
Professora homenageada .....	Página 06
Premiados Grupo 01 .....	Página 09
Premiados Grupo 02 .....	Página 13
Premiados Grupo 03 .....	Página 19
Menção Honrosa Grupo 01 .....	Página 23
Menção Honrosa Grupo 02 .....	Página 26
Menção Honrosa Grupo 03 .....	Página 32
Contos fantásticos .....	Página 35



**PREMIADOS DO GRUPO 01**  
**Ensino Fundamental 1**  
**4º e 5º anos**

## Um jogo bem maluco

O jogo está pronto, os jogadores estão entrando no campo, o Minas está em uma sequência de vitórias inesquecíveis graças ao goleiro Maluquinho.

A bola rola, Minas tem a posse, Bocão se aproxima, passa o chapéu, bate para o gol e... Gol do Bocão! Bocão é o nome da emoção!

São Paulo se aproxima, bate de fora da área, que defesa! Menino Maluquinho! Que defesa de escorpião!

Vem mais uma vez o Minas, bate para o gol. Que defesa do goleiro do São Paulo!

Chance de escanteio para o Minas, Maluquinho vai para a área do São Paulo, Junim vai para a cobrança, olha o cruzamento... Gol! Do Menino Maluquinho! Subiu de cabeça na bola para fazer o gol! Aos oitenta minutos!

São Paulo vem, bate uma bomba do meio do campo, que defesa do Menino Maluquinho! Foi buscar lá na gaveta!

E termina o jogo, dois a zero para o Minas!

**Bernardo Vicente da Silva**  
1º Lugar - 5º ano

## O menino maluquinho brilhou no gol

Ontem, o Menino Maluquinho combinou com seus amigos Bocão, Julieta e Junim de jogar futebol à tarde. Um pouco antes de começar, ele já estava super animado, correndo de um lado para o outro e pulando na cama. Ele colocou sua luva, roupa e foi correndo jogar.

Na partida, ele ficou com a Julieta formando um time e ela fez vários gols! E a maioria foram lindos! Teve gol de bicicleta, voleio, cabeça e muito mais. Mas o destaque mesmo foi para o Menino Maluquinho, com defesas extraordinárias. Ele estava inspirado! Até parecia profissional.

Quando a partida acabou, todos foram falar com ele, pois ficaram impressionados com sua habilidade. Junim disse:

- Maluquinho, você agarrou muito bem! Eu fiquei impressionado!

E o Maluquinho saiu muito contente com os elogios.

**Paulo Renato Reis Baptista**  
2º Lugar - 5º ano

## O menino maluquinho 2

Nas férias, o Menino Maluquinho foi à fazenda de seu avô onde não havia tecnologia nem celular. O Maluquinho estava com seu pai e queria fazer algo divertido, por isso resolveu chamar seus amigos que não demoraram a chegar.

- Bocão, você quer fazer algo divertido?

Bocão respondeu:

- Não sei... pela sua cara, parece que será algo péssimo!

Maluquinho não entendeu e perguntou:

- Como assim? O que você acha de irmos à fazenda do Charli e roubarmos, quer dizer, pegarmos emprestadas algumas peras?

Bocão não gostou da ideia, mas, mesmo assim, foi.

Quando chegaram, Maluquinho subiu no pé de pera e pegou umas dez que estavam amarelinhas. Porém, na hora de ir embora, Maluquinho viu um pintinho e saiu correndo para pegá-lo.

Charli apareceu e pegou os meninos no flagra. Os meninos saíram correndo, mas o pai de Maluquinho apareceu e salvou todo mundo.

Quem ficou mal foi o Charli, que chorou, fez um escândalo e ficou sem as peras.

**Maria Fernanda Seixas da Costa Prado**

**3º Lugar - 4º ano**

**PREMIADOS DO GRUPO 02**  
**Ensino Fundamental 2**  
**6º e 7º anos**

## A ceifadora de olhos

Era uma manhã comum na aldeia Titchontza, as mulheres costurando e cozinhando, os homens plantando e colhendo e as crianças brincando.

De repente, ouviu-se um estrondo, um tiro de espingarda surgiu no ar e o silêncio cessou. Eram os caçadores, atrás de recursos para torná-los industrializados.

Logo, os indígenas correram até a fogueira de rituais. Os caciques se reuniram em volta da clareira, jogando ervas e restos de animais ali, invocando a Ceifadora de Olhos, a criadora ancestral.

Todos naquele local estavam lutando bravamente, e a Ceifadora, alta e pálida, chegou para lutar. Ela tirou sua foice de metal de seu grande casaco plumado e avançou no líder dos brancos, enfiando-a na barriga do homem, esvaindo a vida de seus olhos.

— “Sawé !!” – A mulher gritou em vitória.

Quando os moradores do recinto ouviram o grito, comemoraram com bebidas e frutas.

A Ceifadora voltou à tumba, entrando em seu longo e confortável sono novamente, e os indígenas fizeram festas.

**Anna Clara de Carvalho Ivo**  
**1º Lugar - 7º ano**

## Um mito molhado

Em uma terra indígena, a população vinha diminuindo em massa. Jovens e adultos morriam desidratados. Um dos poucos sobreviventes já não suportava mais ver perdas, então decidiu apelar para os deuses. Ele decidiu ir até uma ponte e fazer seu desejo.

Quando chega ao local logo pergunta:

- Senhora Dina, está aí? Se está, venho pedir algo. Gostaria de saber o motivo de mortes em massa na minha aldeia.

De repente, vindo dos céus, aparece Dina, também conhecida pelos povos indígenas como deusa dos seres humanos. Rapidamente ela responde ao sobrevivente:

- Jovem índio, existe um motivo por trás das mortes. Isso é a falta de água. Água é um elemento maravilhoso, porém neste momento é algo raro, mas deixará de ser.

De repente pilastras são erguidas. A deusa explica ao sobrevivente que terá de escalá-las, mas os pilares eram enormes, porém, determinado, ele aceita.

Subiu uma, subiu duas, até que chegou ao topo da última, entretanto isso foi só meio caminho andado.

Dina volta e diz o próximo desafio:

- Esplêndido sobrevivente, agora se prepare para o próximo teste. Você terá de pular da última pilastra, acertando três alvos no caminho.

Cansado, mas ainda determinado, fez o que a deusa ordenou. O índio respirou fundo e se jogou da pilastra acertando os três alvos com sucesso. Porém, logo percebeu que estava em queda livre. Dina, ao notar a vitória do índio, colocou um ovo onde ele ia cair. Quando caiu, liberou uma espécie de corpo masculino. Ele se chamava Hydros e

agradeceu ao índio por tê-lo libertado. Em troca, Hydros criou os oceanos e mares. E assim surgiram os oceanos e mares.

**Stefan Feydit Probstner**  
**2º Lugar - 6º ano**

## A fé no grande criador

Há certo tempo, dentro da mata, havia um povo que vivia tranquilo com suas festas, tradições e costumes, o seu nome era Munduruku.

Certo dia, sua paz foi quebrada por um grupo de madeireiros ilegais que chegou desmatando, queimando áreas e matando pessoas.

Os moradores que escaparam não podiam acreditar no que havia acontecido: sua casa, que antes era tão verde, agora se encontrava cinza, coberta com o fogo da tristeza. Porém eles não poderiam deixar por isso, teriam que encontrar alguma forma de sair por cima e ter seu tão amado lar de volta, só não sabiam ainda como.

Uma criança decidiu perguntar para um senhor de aparência fraca e cansada se ele poderia dar uma solução para o grande problema que os atormentava. Após isso, aquele frágil idoso se provou um homem sábio pois sua resposta foi:

— A fé, meu jovem, tudo o que nós temos e perdemos é movido pela fé no nosso Criador. Creio que nós temos uma grande perda, mas não há nada que o nosso Grande não resolva.

Após a frase do sábio senhor, todos os nativos concordaram com o homem, eles teriam que buscar a salvação a partir de suas rezas para o seu Criador. Para a convocação, o povo Munduruku fez uma roda, fecharam seus olhos e fizeram suas orações.

Enquanto eles proferiam as palavras, um feroz vento passou entre seus corpos e do céu começou a cair muitos pingos de água. Das nuvens, saiu uma grande figura, era o grande salvador. Os Mundurukus não podiam acreditar no que estava diante de seus olhos.

De tanta felicidade, muitos até caíram em lágrimas naquele

momento, todo o fogo se apagou, as árvores voltaram a sua cor verde da esperança e os criminosos foram todos presos nas grades das grandes cidades e, agora, o povo Munduruku poderia viver em paz em seu lindo lar.

**Eduardo Bonates Cruz**  
**3º Lugar - 7º ano**

**PREMIADOS DO GRUPO 03**  
**Ensino Fundamental 2**  
**8º e 9º anos**

## Permita-se

Não sei qual a razão dos cidadãos brasileiros saírem esbanjando suas duvidosas opiniões pelos lugares. É óbvio que temos o total direito da liberdade de expressão, mas há certas opiniões que devemos guardar para nós mesmos.

Minha religião é ofensiva? Por que minha vestimenta incomoda? Minha realidade me torna um vagabundo? A resposta é um grande e intenso não. Ninguém realmente acha seus gostos ofensivos ou os encara como um ataque; tudo que eles querem é encontrar pessoas com o mesmo tipo de intolerância e tempo livre para preencher.

A pia cheia de louça, a casa precisando de faxina, diversos boletos para pagar e vocês perdendo tempo criticando na internet. Não é porque sua vida é frustrante e entediante, que a do outro também tem que ser.

Vá a festas, dance na chuva, assista ao pôr do sol, viva. No final, todos vamos estar a sete palmos da terra torcendo por uma reencarnação (se é que reencarnação existe), e o que você mais vai pensar é no quão pouco você aproveitou a sua vida.

Temos uma visão muito reduzida do que é aceito pela sociedade como certo e errado, bem e mal. Já estamos no século vinte e um, portanto, amplie seu pensamento. Viva, permita-se e divirta-se.

**Milena Ferreira Soares Penna**  
**1º Lugar - 9º ano**

## Os portais da imaginação

Os livros são os grandes portais para mundos de aventuras e magias. Os melhores meios para exercitar a sua imaginação e ser transportado para terras medievais, futuristas, mágicas, onde o único limite é o seu pensamento. Através deles, é possível ter paz e sossego, ver a trama se desenrolando bem diante dos seus olhos e se sentir como parte da história.

Da mesma forma, há a possibilidade de criar um grande afeto por algum personagem ou um sentimento de ódio por determinado indivíduo da narrativa. E o melhor de tudo é que somente você, ninguém mais precisa saber, pois é um momento só seu.

Eles são recantos livres, abrigos de tranquilidade onde só você tem a permissão para entrar. Podendo ser também uma das maneiras de fugir da realidade tóxica e desgovernada em que nossa sociedade está localizada.

Por esses motivos, os livros são a melhor forma de se refugiar em um mundo mágico, cheio das mais diversas possibilidades, longe de todas as preocupações rotineiras. E esse refúgio é somente seu.

**Benjamin Pinheiro Mulder**  
2º Lugar - 8º ano

## Os variados tipos de cidadão brasileiro

Vejo ironia naqueles que se dizem “cidadãos de bem”, e que afirmam querer o melhor para o Brasil e suas crianças. São os mesmos que matam, roubam, traem e destroem. E ainda justificam suas atitudes utilizando o nome de Deus. Gostaria de saber o que Ele pensaria em relação aos seus “filhos”.

Mas não é só nesse caso que ocorre a hipocrisia. Essa está em todo lugar, como um ser onipresente. Você pode encontrá-la por toda parte no cotidiano. E, para a felicidade de muitos, ela não aderiu ao horário comercial e a dias úteis.

Vamos aos exemplos. A maioria conhece um homem que diz que a família é o pilar de tudo e passa horas nas redes sociais traindo a esposa. Essa é mais clássica que Bethoven.

Não podemos deixar de fora aqueles que furam fila. E se você discutir com o indivíduo, pode resultar em briga. Algumas pessoas possuem a tendência de achar que estão sempre certas, seja na espera para entrar na boate ou na fila do supermercado.

Também há os transgressores das leis de trânsito. Esses deveriam se encaixar na lista de “Top 5 mais letais”. Sempre tem alguém que acha que está sóbrio o suficiente para voltar dirigindo. Os piores são aqueles que avançam sinal. Simplesmente não se importam com o motorista atrás do outro volante.

Enfim, o país em que vivemos ainda tem de fazer muitos avanços.

**Liz Correia Feu**  
**3º Lugar - 9º ano**

**MENÇÃO HONROSA**  
**Grupo 1**  
**4º e 5º anos**

## O menino maluquinho 2: O pé de laranja

Em um dia qualquer, o Menino Maluquinho recebeu, em sua casa, um convite para ir à fazenda de seu avô. Ele se animou e convidou seus amigos para irem também. Todos concordaram e foi assim que começou a aventura.

No dia seguinte, encontraram-se no ponto de ônibus, às 7h24, muito cansados, mas logo se animaram, quando viram um pinguim de bermuda. Lógico que não era de verdade, mas um pipoqueiro fantasiado.

Como eles eram muito “calmos” e “sensatos”, resolveram correr atrás do tal pinguim, porém perceberam que o ônibus iria partir e quase o perderam.

A viagem foi bem demorada. Assim que chegaram à fazenda, descobriram que uma velhinha, que morava perto, possuía uma enorme laranjeira e tiveram a brilhante ideia de pegar algumas laranjas e de brincar no quintal dela. O tempo voou e eles nem sentiram. Passaram a tarde toda lá e a velhinha nem percebeu!

**Maria Flor Carvalho Cavalcanti**  
4º ano

## Uma tarde mágica

O Menino Maluquinho e seus amigos Junim, Julieta e Bocão estão pensando em algo para brincar na rua, pois ficar em casa os deixava entediados. Depois de trinta minutos, o Maluquinho disse o seguinte:

- Já sei! Vamos de mágica!

Então a batalha começou. Junim usou bola de fogo em Bocão, mas ele a bloqueou com parede de pedra. Quando Bocão olhou para trás, viu Julieta usando o poder da água nele. Enquanto ele caía no chão, Maluquinho decidiu vingá-lo.

Julieta, ao perceber o que iria acontecer, agarrou Junim e disse:

- Se eu perder, você perde comigo.

Então a brincadeira acabou e todo mundo foi para casa.

**Guilherme Fernandes Azevedo**

**5º ano**

**MENÇÃO HONROSA**  
**Grupo 2**  
**6º e 7º anos**

## As flores

Em uma região indígena existia uma menina muito sorridente chamada Flor, filha do cacique daquela região. Ela era muito famosa pelo seu canto, pois cantava muito bem, todos ficavam impressionados com sua voz. Flor era uma menina muito alegre, por todo lugar que passava contagiava as pessoas com sua voz e alegria.

Um dia, a menina resolveu ir até a floresta para explorar com seus amigos, porém seus pais não ficaram sabendo. No meio do caminho, Flor escutou um pássaro cantando, então decidiu ir até à direção do som, mas acabou se perdendo de seus amigos. Ela estava desesperada, pois não conhecia aquele lugar, depois percebeu que andava, andava, mas sempre parava no mesmo lugar.

Flor começou a chorar e aquelas lágrimas foram se tornando flores no solo. Quando viu que ao seu redor só tinham flores formando um caminho, ficou impressionada, pois nunca tinha visto algo tão lindo. Com essa vista, ela não chorava mais e seguiu o caminho que as flores apresentaram. Depois de percorrer todo aquele caminho, avistou seu pai e foi correndo atrás dele. Quando seu pai a viu, ficou muito feliz.

Flor apresentou aos indígenas as novas plantas que conheceu e todos ficaram encantados. Depois desse dia, a índia voltava todos os dias à floresta para admirar as flores, conversava com elas, dançava e as regava. Por isso, o cacique nomeou essas plantas como “flores” em homenagem a sua filha Flor.

**Maria Luiza Mendonça Tavares**  
6º ano

## A lenda do fogo

Em uma aldeia chamada Tucurim, havia uma bela mulher com olhos cor de mel e cabelos vermelhos como tomate. Todos os homens a queriam para ser sua esposa e a mãe de seus filhos, porém, Ancari só tinha olhos para Tucan, o filho do pajé. Ele era alto, forte, bonito e o mais forte da região.

Ancari vivia cheia de raiva, pois sempre tinham homens em sua volta, dos quais grande parte eram feios e fracos, não conseguiam sequer levantar uma cadeira, outra parte eram sedentários e acima do peso. Só saiam de casa para procurar a bela moça ou comer.

Para se acalmar, ela nadava nos rios com Tucan, que tinha também certo interesse na índia. Porém, em um certo dia tudo mudou... Debaixo da água havia duas pedras que prenderam o pé de Ancari. O forte homem tentou puxá-la, porém, não obteve sucesso, pois eram pedras muito grandes e estavam muito no fundo, alguns segundos depois Ancari faleceu.

Quando chegou ao céu, o deus Misunin, deus da vida, pediu a ela que criasse um elemento baseado em suas características físicas e o denominasse como quisesse. Ela resolveu chamar de fogo, elemento que machucava todos que com ele brincavam e não se importava com os sentimentos alheios, como sua própria história.

A mulher virou a deusa mais poderosa e não se importava com as pessoas, já que não se importaram com ela, adicionando assim um “tempero” no mundo.

**Thiago Lani Silva Machado**  
6º ano

## Nosso criador, nossa salvação

A tribo Munduruku, que reside na Floresta Amazônica, estava passando por sérias dificuldades em relação à sua fauna e flora. A floresta ficava cada vez mais desmatada, os rios estavam sujos e poluídos, quase não dava mais frutos e alguns animais estavam morrendo.

O Cacique chamou os adultos da aldeia para uma reunião. Ele falou que conversou bastante com o Pajé e as coisas estavam ficando muito sérias, o único jeito de mudá-las seria começando uma batalha contra os “homens brancos” que destruíram a natureza. E se ganharmos a luta, iríamos conseguir chamar o criador da tribo para ajudar.

No dia seguinte, eles iniciaram a batalha, mas antes de começar, gritaram Sawé, que era um brado de guerra que gritavam antes de toda luta para intimidar os inimigos. O principal instrumento de batalha que eles usaram foi o arco-flecha. Depois de quase um dia lutando, os indígenas conseguiram ganhar. Eles ficaram muito contentes, porque iam poder convocar o seu criador.

À noite, fizeram um ritual para invocar seu devido criador. O ritual consistia em acender uma fogueira e o Pajé cantava uma música que já existia há milhares de anos. O criador apareceu e perguntou sobre o que os Mundurukus precisavam. Eles pediram respeitosamente para que ele consertasse a floresta. Aquele que deu origem entendeu o pedido e, depois de realizá-lo, ele desapareceu.

Os Mundurukus ficaram tão gratos e realizados em ter sua natureza de volta, que resolveram fazer uma grande festa para comemorar. Na comemoração, tinha muitas de suas típicas comidas

como: açai, cupuaçu, vários tipos de peixe, pirão, pamonha, muitas coisas com mandioca, bolo de milho e muito mais. Todos desfrutaram da sua deliciosa culinária e ficaram muito felizes.

**Laura Lameirão Muanis**  
7º ano

## Os Mundurukus ainda podem ser salvos

Há muito tempo, o povo Munduruku sofre com o desmatamento da Floresta Amazônica, por isso, era muito difícil ter comida, moradia, entre muitas outras coisas básicas para sobreviver.

Esse povo, assim como outros povos indígenas, já havia tentado de tudo para melhorar sua situação: protestos, falar com o governo, entre outras coisas. Mas nada dava certo. Assim, eles perceberam que só havia mais uma alternativa, chamar o deus criador.

Para invocar o deus criador, eles se reuniram em uma roda ao meio dia e também à meia-noite. Nessa roda, o pajé começou a cantar na língua deles. Quando ele terminou, todos na roda começaram a fazer suas rezas em voz alta, assim o deus criador apareceria ao meio dia do dia seguinte.

Quando o criador apareceu, os Mundurukus suplicaram a ajuda dele, que, quando viu a situação, ficou assustado com tanto sofrimento.

Até hoje o deus criador não conseguiu salvar totalmente o seu povo, até hoje ele tenta salvá-los, mas, ao menos, a situação desse povo está melhorando.

**Beatriz Dimari Rocha**  
7º ano

**MENÇÃO HONROSA**  
**Grupo 3**  
**8º e 9º anos**

## O guarda-chuva

Estou saindo do meu trabalho e ouço o som das várias gotas de água caindo sobre a calçada da rua. Olho dentro da minha bolsa e... Ah não! Não! Não! Eu esqueci meu guarda-chuva! Respiro fundo, aceitando meu destino e começo a caminhar em direção a minha tão amada casa.

Eu gosto de dias chuvosos. O cheiro de terra molhada e o barulho da chuva me acalmam. Bem, menos quando estou ficando toda ensopada e com a maquiagem toda derretida, tipo um palhaço. E se eu encontrar algum conhecido na rua? Ou pior, o que as pessoas vão pensar de mim? Com essa angústia crescendo dentro do meu ser, começo a andar mais rápido e sinto olhares vindo em minha direção.

É por isso que sempre ando com meu guarda-chuva. Ele me protege do que os outros vão pensar sobre mim, além de eu não me molhar, obviamente. A chuva começa a ficar muito forte e, sem pensar muito, entro numa padaria. Estou ofegante e acabo sentando perto de uma janela.

Observo várias pessoas com seus guarda-chuvas. Elas fogem apressadas da chuva, olhando para os seus próprios pés, parecendo um bando de formigas entrando em um formigueiro. O cheiro de pão quente é reconfortante e, pela janela, vejo um homem sozinho no meio da chuva. Todos na rua olham para ele incrédulos, mas, segundos depois, voltam a olhar para a calçada molhada. Ele nem percebe, seguindo seu caminho totalmente despreocupado. Como assim, ele não tem vontade de se enfiar no buraco mais próximo? Esse "cara" simplesmente... não liga? Não se importa? Até que uma sombra de entendimento passa pela minha cabeça.

Saio lentamente da padaria enfrentando a chuva, que agora, não está tão forte assim. Talvez essa situação toda fosse uma tempestade na minha cabeça, mas, nas dos outros, não se passava de uma goteira qualquer. As pessoas estão muito preocupadas com seus próprios “guarda-chuvas” e não vão reparar na sua maquiagem borrada e em sua roupa ensopada. Se repararem, vão esquecer. Sempre esquecem.

**Júlia Feydit Probstner**

**8º ano**

# CONTOS FANTÁSTICOS

## Uma jornada nada normal

Enquanto Kublai-Klan era levado pelo vento, avistou muitas coisas pelo mundo fora da sua fortaleza como: muitas árvores, animais, pessoas diferentes, outras construções e o tão maravilhoso mar.

Durante o voo, a pipa foi perdendo força e caindo. Então Kublai-klan decidiu pousar em uma montanha. Quando aterrissou, percebeu que estava perdido. Nisso o rei começa a andar sem saber a direção em que estava indo. Após uma boa caminhada, chegou até um rio, quando o vento ali passou e disse:

- Lembre-se rei, os rios sempre correm em direção a rios maiores ou para o mar.

Ao ouvir isso, Kublai ficou motivado e seguiu o rio até ele terminar. No meio do caminho, Klan achou um cachorro do mato o qual disse que aquele rio o levaria até o mar, mas seria uma viagem longa e cheia de desafios.

Kublai-Klan continuou sua caminhada em busca do mar, até que se deparou com um enxame de abelhas. Ao ver isso, Klan deu a volta e conseguiu evitar os insetos. Continuou andando por um tempo e viu, de longe, um urso. Kublain-Klan ficou em choque, pois o urso parecia faminto. Decidiu então dar a volta de novo, mas não tinha como, porque havia outro urso atrás dele. Quando os animais avistaram o rei, começaram a correr em sua direção. Klan pensou que iria morrer ali mesmo, mas quando os ursos chegaram perto dele, pararam e disseram:

- Olá humano, como estás?

Klan ficou paralisado e quase se borrou de tanto medo, mas falou:

- Estou bem. Mas vocês sabem onde fica o mar?  
- Sabemos. Responderam os ursos.  
- É só virar a primeira esquerda e você verá o mar. Completou um dos ursos.  
- Obrigado. Falou Kublai-klan.  
Virou à esquerda e viu o tão esperado mar. Klan saiu correndo em direção ao oceano e mergulhou. O vento passou por lá e disse:  
- Parabéns, meu rei. Agora lhe darei uma recompensa.  
A recompensa era um barco viking.  
Kublai-Klan ficou animado e começou a viver em seu novo barco.

**João Gabriel de Lemos Migon Valença**  
**6º ano**

## O destino de Kublain-Klan

O rei passou dias pensando como seria conhecer aquele misterioso mar, aquele que todos falavam... Apesar de não ter tido a oportunidade de mergulhar nas ondas secretas dessas águas, ele conseguia imaginar como elas seriam.

Kublain-Klan tinha o sonho de receber os sinais que o mar passaria para ele. Então foi atrás disso. Enquanto passava por uma pradaria em sua calma pipa, o vento lhe disse: "O mar talvez não seja seu destino, afinal não será possível chegar até ele. Iremos até as nuvens".

O pensamento dele naquele momento era o porquê não seria possível chegar até o tão sonhado mar? Por que não era destinado a ele? Esta ideia estava atormentando sua cabeça.

Quando chegaram às nuvens, podiam flutuar. Kublain-Klan recebeu seu sinal da natureza, ela dizia que uma boa pessoa merece conhecer seu destino, mas talvez não seja possível ter algum. Infelizmente não foi possível achar o seu... pedi ao meu amigo vento para te trazer aqui, pois queria que você entendesse a situação através de minhas palavras. A natureza não tem espaço para você, seu sonho é conhecê-la, mas você deverá pertencer a seu reino. Desculpe por isso. Viva com sabedoria, quem sabe você poderá realizar seu sonho? Agradeço a sua compreensão. Até mais, meu querido".

O rei estava sem palavras. Durante a conversa com a natureza, ele conseguiu entender que não pertencia às belezas dela. Ele sentiu paz, calma e o doce aroma do perfume que ela usava... Agradeceu e partiu, quando chegou em seu castelo, deitou-se em sua cama e, assim que fechou os olhos, ouviu um suspiro leve nos seus ouvidos.

Era o vento.

Quando percebeu que era ele, escutou o som das ondas quebrando na areia...

Sentiu um leve aroma salgado e, quando abriu os olhos, lá estava ele: de frente ao seu amado mar.

Sua cabeça estava tão confusa que não sabia se a natureza e o vento tinham o enganado para fazer uma surpresa ou se era um sonho muito realista. Só ficou lá para sempre.

**Maria Luiza Freire Leal**  
**6º ano**

## O lobo é realmente mau?

Um dia estava na biblioteca, como sempre, porém um livro me chamou atenção, era como se estivesse me chamando. Eu achei estranho, pois o livro era sobre contos fantásticos e eu não gosto desse tema, mas resolvi levá-lo.

No caminho de volta para casa, uma coisa não saía da minha cabeça, o que a bibliotecária disse: “Divirta-se, mas tenha cuidado”.

Estava tão ansiosa para ler aquele livro, que entrei correndo em casa, sentei no sofá e o abri. Comecei a me sentir estranha, estava tonta, enjoada e com dor de cabeça.

Eu não sei o que aconteceu, só sei que acabei em um lugar anormal, ele era cheio de árvores. Fui andando e avistei uma casa, ela me parecia familiar, até que percebi que era a casa da avó da Chapeuzinho Vermelho.

Continuei andando pela floresta, até que vi o que parecia ser a casa do lobo, fiquei surpresa, era uma casa muito humilde, além disso ele tinha muitos filhos. Ele estava saindo de casa.

“Toda a história vai acontecer de novo”, pensei. Toda a história estava se repetindo, mas algo estava diferente, o lobo não comeu a vovozinha. Fora isso, tudo ocorreu normalmente.

Chegou na parte em que o caçador mataria o lobo, e me lembrei da casa do lobo, dos filhos dele, e não consegui deixar que ele fosse morto. Peguei no braço dele e levei-o até a casa dele. Ele ficou confuso, mas agradeceu.

Comecei a sentir as mesmas coisas de antes e acordei no meu sofá. Fiquei pensando: “A Chapeuzinho e a vovó ficaram bem, o lobo

não morreu, mas o que aconteceu com ele depois disso?"

**Beatriz Dimari Rocha**  
**7º ano**

## Um tal de “El Dourado”

Um dia, quando fui alugar um livro em uma grande e antiga biblioteca, um belo e bem vermelho livro fixou-se em meu olhar, um chamado “Conto de fadas”. Ao entregar à bibliotecária, ela me disse:

— Divirta-se, mas tenha cuidado! – Ela era meio medonha...

Na hora, nem liguei. Ao chegar à casa, eu o abri e vi uma linda menina desenhada na primeira página do livro. Mas, ao ler os primeiros trechos da história, minha cabeça começou a doer e eu parecia estar girando! Então, desmaiei.

Quando abri meus olhos, eu estava em um lugar com uma placa de “Era uma vez”, um tal lugar chamado de “El Dourado”.

“Onde eu estou?!” me perguntei com um ar preocupado. O lugar era brilhante, com um gramado verdinho, cheio de árvores com maçãs vermelhinhas e um lago bem azul.

Então, comecei a vasculhar a área e vi uma bela menina correndo descalça em cima do gramado cheio de gotinhas de água e com lindas borboletas.

– Olá, garota. – Disse-me.

– Olá. – Retribuí.

– Venha comigo! – Ela me disse. Eu nem sabia quem era ela!

Ela começou a me mostrar o espaço e nós viramos amigas! Ela era carinhosa e amigável. Ela tinha cabelo loiro e olhos azuis, mas usava uma roupa toda mal decotada e furada em algumas partes. Seu nome era “Cinderella” e todos que passavam por ela ficavam zombando e rindo de suas roupas.

No El Dourado, todos são riquinhos. Todo mundo de uma classe mais baixa, era dispensado. Com isso, ela começou a chorar muito,

então fiquei raivosa por estarem fazendo isso com alguém tão educada e com um grande coração. Então, peguei uns tecidos em uma loja e, com a ajuda dela, começamos a costurar um lindo vestido. Até seus pássaros de estimação estavam cantando uma bela canção para nós, com seus lindos piados.

Ao ficar pronto, ela o vestiu e parecia uma nova mulher! Um belo sorriso se abriu em seu rosto e começou a lacrimejar de alegria. Agora, todos a admiravam por ter belas roupas, apenas por isso. Então nós nos abraçamos e ela disse:

— Obrigado por ter me ajudado e me apoiado! Nunca mais terei de esconder minha aparência, ou quem eu sou!

— De nada! Eu lhe devo mais do que isso! – Agradei também.

Porém eu desmaiei do nada e, quando eu acordei, eu estava em meu quarto com o livro em minha mão. Com isso, voltei correndo à biblioteca e a moça medonha me disse:

– Parabéns, você acabou de cumprir sua missão. Ajudando os outros pelo jeito e não pela aparência que eles têm. Você é uma pessoa boa!

Então eu entendi o sentido da vida e fiquei feliz por ter vivenciado aquilo. E, assim, vivemos felizes para sempre!

**Lara Masuda Yugue**  
7º ano

## O caso paranormal dos padrões da juventude

Tenho dez anos de carreira como investigadora paranormal, mas esse caso que peguei é bem esquisito. Várias mulheres estão, de repente, mudando absurdamente suas aparências e parecendo cascas vazias, com nenhum sinal de personalidade restante, após receberem bilhetes sobre uma tal de "fonte da juventude". Analisei isso por semanas e estou desvendando aos poucos.

A partir de mais pesquisas, descubro o que estava escrito, precisamente, em todos os bilhetes: "Para ser a mais bela de todas, encontre a fonte da juventude onde as calças dão um passeio na praia e no local onde os sapos andam de bicicleta. Boa sorte!" Enigmas? Esses são fáceis para mim. Onde as calças dão um passeio... calçadão! O calçadão de Copacabana! Orgulhosa de mim mesma, pego a minha mochila e vou em direção à praia.

Após pegar meu ônibus, chego ao tão esperado calçadão. Como a luz da lua está fraca, pego minha lanterna e procuro evidências na pista de ciclistas. Sem sucesso. Fico um bom tempo em busca de sapos, mas nada acho. Acabo desistindo e, como recompensa por tanto trabalho, resolvo tomar uma água de coco. O "Pera aí!" Ao lado do quiosque onde parei é um sapo andando de bicicleta. É isso! Pergunto sobre a fonte e dizem que estou maluca, até que mostro meu distintivo de investigadora ao jovem dono do bar. Ele cede, dizendo-me que nada encontrarei e entro por um alçapão escondido atrás do balcão.

Sigo pelas escadas cuidadosamente e chego até uma ponte cor de rosa. Atravesso-a enquanto sinto um cheiro perfumado, e avisto a fonte da juventude do outro lado. Vejo-a mais de perto, enxergando uma água tão cristalina que eu conseguia, claramente, ver meu reflexo nela.

Prestando mais atenção, vejo um bilhete jogado no chão, onde está escrito: "A verdadeira beleza é apenas um reflexo dos sentimentos de quem a contempla". Após usar essa fonte, não terá volta, e você será mais um dos corpos artificiais, vazios e sem vida, parte dessa cruel sociedade em que vivemos. Boa sorte."

Fico surpresa por tantas mulheres aceitarem essa terrível condição, e reflito sobre como os padrões afetam o nosso ser como um todo. Tiro várias fotos, colete evidências e preparo meu relatório desse caso de beleza e juventude sem fim.

**Júlia Feydit Probstern**  
8º ano

## Escolha a sua porta

Naiara era uma jovem muito curiosa, ela sempre gostava de se desafiar e sempre procurava descobrir as coisas além do normal. Sua vida era totalmente dividida, ela morava com sua mãe e nunca tinha conhecido seu pai. Mas, quando Naiara entrou de férias, ela recebeu uma carta dele.

Ele raramente escrevia coisas para a filha, geralmente eram cartas de aniversário e natal, então a jovem ficou muito feliz. Após ler a carta, ela descobriu que seu pai estava chamando para passar as férias com ele. A jovem falou com sua mãe e ela disse: “Filha, tome muito cuidado e não confie em ninguém”.

Chegando a Cuiabá, a menina viu várias pessoas nas ruas girando em torno de velas, cantando músicas tradicionais e rodando com comidas. A garota se assustou, mas continuou andando. Quando ela chegou à casa de seu pai, ela viu um cemitério, com túmulos vermelhos e vários guardas rondando o local.

Enfim entrou na casa. Era uma casa toda vermelha, com detalhes de sangue e janelas de metal. Nessa hora, a menina já estava com muito medo, mas precisou enfrentá-lo. Subiu as escadas e encontrou três portas, a primeira era totalmente azul. Ao abrir, ela viu várias pessoas deitadas sem cabeça.

Na segunda porta, havia as cores vermelho e laranja, e as pessoas estavam sem pernas e braços. A menina olhou para frente e só possuía uma porta. Quando ela tentou fugir, um vento forte a empurrou para frente, para abrir a terceira porta, que era totalmente preta.

Quando ela entrou, viu um homem todo queimado, sujo e

rouco que olhou para ela e disse: “Oi, filinha, vem me dar um abraço e escolha sua porta”. A garota estava se perguntando o que estava acontecendo, e aí, ela percebeu que, na verdade, ela estava sendo a protagonista da redação da Luiza, e que nada disso aconteceu de verdade.

**Luiza Nilander Vaz**  
9º ano



**A ESCOLA ECO AGRADECE A  
TODOS QUE COLABORARAM.**

